



O USO DA LITERATURA NA INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA: A ARTE LITERÁRIA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM NAS AULAS DE HISTÓRIA

*João Pedro Pereira Rocha*¹
Universidade Federal da Bahia
Barreiras, Bahia, Brasil
joapedrojp56@gmail.com

Resumo: Tendo em vista a necessidade ou mesmo exigência de algumas instituições escolares para implantação de projetos de ensino aprendizagem cada vez mais interdisciplinar, é notável a existência de vários segmentos do conhecimento e das artes que auxiliam esse tipo de trabalho nas aulas de história, nesse sentido a literatura pode ser vista em posição de destaque. O objetivo deste trabalho é analisar e indicar algumas formas pelas quais o professor de história pode vir a trabalhar o conhecimento literário de modo a facilitar o acesso ao conhecimento histórico por parte do alunado. Para isso é levantado um estudo e discussão sobre alguns movimentos literários e suas possíveis contribuições para o entendimento de conteúdos tradicionais nas aulas de história. O trabalho identifica as formas pelas quais o professor de história pode vir a fazer uso do conhecimento literário, de modo a tornar suas aulas, que facilmente podem ser monótonas, em momentos de reflexão e discussão sobre sociedades e períodos que muitas vezes fogem ao entendimento dos estudantes.

Palavras-chaves: Ensino de história. Literatura. Metodologia

Introdução

O presente estudo busca fazer uma análise investigativa atentando para o modo como textos literários podem vir a ser utilizados em sala de aula, de modo a ampliar ou enriquecer o

¹ Licenciando em História, Universidade Federal da Bahia/UFBA, Barreiras/BA, Brasil

suporte didático do professor de história. A intenção foi a partir de ponderações já colocadas sobre a arte literária e sobre a disciplina de história, verificar as possíveis aproximações e o modo como elas favorecem ao ensino aprendizagem nas aulas de história.

Nos últimos anos, vários recursos e objetos culturais têm sido utilizados como ferramentas de suporte que proporcionam aprendizagens e noções de história (MORAES, 2009). Sobre o aspecto de admissão de novos métodos em sala de aula tem sido relevante momentos de reflexões sobre a forma como esses novos objetos podem ser introduzidos nos espaços escolares. Uma atividade reflexiva auxilia o modo como pelo qual é possível verificar a realidade da sala de aula para a partir disso fazer as colocações necessárias e viáveis.

A discussão sobre literatura nas aulas de história procurou centralizar as discussões em torno de dois sujeitos que representam em maior grau as ações desenvolvidas dentro da escola, o estudante e o professor. Assim sendo, a abordagem sobre o ensino aprendizagem se justifica por serem ambos os elos que aproximam os sujeitos em questão, e que determinam as relações e seus diversos resultados.

O uso do texto literário em abordagens de cunho historiográfico demonstra que as representações e os imaginários sociais muitas vezes transcendem à narrativa dos romancistas. Nesse contexto vale a pena indicar que a própria história fora em muito tempo uma inspiração para a narração de fatos presentes em romances e poemas, os quais eram extraídos de acontecimentos históricos e serviam como representação de certa realidade (ANDRADE, 1996).

O trabalho está dividido em três momentos. No primeiro ocorre uma discussão para contextualização a partir da aproximação entre a arte literária e o conhecimento histórico. O segundo momento compreende o período em que há uma exposição dos resultados obtidos com análise teórica dos estudos sobre o assunto em questão. Em um terceiro momento há uma reflexão sobre o uso da literatura no ensino de história a partir de abordagens sobre as ideologias presentes em uma dada escola literária, mais precisamente o movimento denominado romantismo.

Pensando o texto literário sobre moldes para uma investigação de seu uso no cotidiano, percebe-se, que este mantém poderes estéticos que o configuram como objeto de entretenimento, além de representar um conjunto de linguagem que está carregada de conceitos da realidade histórico-social ao qual esteja inserido. Nesse contexto a comunicação literária emerge como campo fértil, que a partir das abordagens feitas pelo professor em sala de aula, representa um ganho não apenas para uma determinada área, mas também para o conhecimento histórico em sala de aula.

Novos métodos e a literatura em questão

Nos últimos tempos tem-se registrado um aumento quantitativo de pesquisas, estudos e discussões acerca do universo que permeia o campo da História enquanto disciplina escolar. É fato que essa preocupação tem uma proximidade significativa com as mudanças ocorridas na historiografia e as exigências ao ambiente escolar. Essas mudanças são expressivas no sentido de promover debates que gerem questionamentos e indagações, pensando a realidade do ensino de história, suas especificidades e problemáticas.

Refletindo a disciplina de história e seu ensino em sala de aula, pensadores e estudiosos tem se debruçado e lançado esforços para solidificar esse tipo de discussão nos meios acadêmicos (BITTENCOURT, PINSKY, SCHMIDT). Nesse contexto as preocupações são de naturezas diversas, porém, e no sentido de discutir a atuação ou mesmo o cotidiano das aulas de história, a questão dos métodos de ensino surge com certo destaque, isso porque envolve não apenas reflexões historiográficas, mas também pedagógicas.

O ponto, referencial, para o desenvolvimento deste trabalho, circunda, mesmo que não explicitamente, em torno do seguinte questionamento: como ensinar história? A indagação parte do pressuposto de que o modo como o conhecimento histórico deve ser trabalhado, pensando a aprendizagem do alunado, emerge como algo conflitante e complexo para o professor de história. Nesse sentido, indagar o *como ensinar história* exige um que as práticas de ensino aprendizagem sejam revisadas, quando levamos em consideração as mudanças ocorridas no campo da historiografia e do modo como o conhecimento histórico e científico está sendo abordado, pois, “a história está envolvida em um fazer orgânico: é viva e mutável” (KARNAL, 2012, p. 08).

Dentro de uma perspectiva que leva a ideia de um passado móvel e construtivo aos bancos escolares os métodos de ensino aprendizagem ocupam lugar privilegiado, principalmente aqueles responsáveis por uma aproximação social entre passado e “presente”. Dessa forma o uso da literatura enquanto objeto e método de trabalho docente e discente aponta uma infinidade de contextos históricos presentes em textos que elucidam ou facilitam tal aproximação.

Metodologia

Como metodologia para o desenvolvimento do presente trabalho, optou-se por uma reunião bibliográfica de textos e obras que versam sobre a literatura e o ensino de história, isso para pensar a questão do ensino e da aprendizagem em sala de aula por meio desses dois segmentos. Mesmo não reunindo todas as obras que possam auxiliar a ampliação teórica sobre a temática, algo que pode ser cogitado em momentos futuros, o esforço foi no sentido de aliar discussões, que ao serem agrupadas permitam reflexões norteadas por um itinerário satisfatório.

A premissa foi a de que dentro das duas esferas do conhecimento humano, História e Literatura, e a partir delas, os estudos possibilitassem o contato com algumas de suas respectivas especificidades e contribuições ao ensino de história. Dessa forma, pensando o manuseio da Literatura em sala de aula o pensamento do linguista, Mikhail Bakhtin, teve a relevância no sentido de pensar a questão do autor e sua atuação diante da construção literária. No campo do conhecimento histórico vale destacar o pensamento de Walter Benjamin, ao discorrer sobre a sociabilidade da história na cultura humana e sua aproximação com o campo da literatura.

Alem de partes de obras marcantes para o conhecimento científico o trabalho reuniu artigos e capítulos de livros que juntos enriqueceram a análise acerca do ensino de história. A importância desse material se explica, pois, por meio de teóricos que pensam a conhecimento histórico em sala de aula, há uma ampliação de um universo mais sólido e capaz de discutir o assunto proposto de forma consistente.

O que dizem os documentos

Os estudos e análises sobre a usabilidade da literatura como ferramenta auxiliadora para o ensino aprendizagem nas aulas de história permitiram identificar que novas discussões sobre o espaço escolar delegam a literatura posição de destaque, (RUIZ, 2012) tendo em vista os objetivos pensados para a disciplina de história, e para o dia-a-dia da prática docente. A explicação para tal indicação está diretamente ligada à reforma no ensino de história e pela busca por ferramentas didáticas diversificadas, as quais venham a fortalecer as interpretações sobre o passado em sala de aula.

Pensando os objetivos da história enquanto disciplina escolar pode-se perceber sem muitas dificuldades como é marcante a ideia de trabalhar a historicidade nos períodos tradicionalmente conhecidos, isto é um indicativo para formulações e interpretações históricas

plausíveis. Nesse sentido o texto literário como sendo arte cultural e histórica, seja carta, romance, poesia, folhetins e etc., constitui-se leque de possibilidades para discussões em sala. Sobre esse aspecto a professora Dislane Moraes indica que:

“A disciplina de História tem acolhido com grande entusiasmo os objetos culturais – obras literárias, cinema, fotografia, música, artes plásticas –, que são analisados como documentos históricos e como recursos didáticos com o objetivo de propiciar aprendizagens de noções de História.” (MORAES, 2009, p. 01)

O acolhimento de varias formas da criação artística, não significa dizer que seu uso aconteça na pratica. Ao discutir o cotidiano do professor de história e a realidade em sala de aula a historiadora Maria Auxiliadora Schmidt (2012) expos as dificuldades que este profissional enfrente desde o momento em que sai da graduação e adentra o espaço escolar, tendo muitas vezes o quadro negro como único recurso no cotidiano da sala de aula.

Outro fator de relevância, para o uso e desuso, de textos literários na disciplina de história, aparece quando as ideologias do professor são consultadas. Este enquanto profissional detém a liberdade de pesquisar e selecionar seu material de trabalho, consequentemente aquele responsável pela aproximação entre o ensino e a aprendizagem. Nesse sentido a importância maior em questão, diz respeito à forma como o docente vê o mundo e se relaciona com ele, independente de suas escolhas o reflexo de suas crenças e perspectivas é intrínseca e se manifesta em seu desenvolvimento na sala de aula.

Pesquisas recentes demonstram a necessidade de abordagens de cunho histórico sobre textos literários (MORAES, 2009). Claramente a ideia aqui é aproximar a realidade literária de modo que o estudante tenha a possibilidade de perceber o valor histórico presente no texto, algo que pode com muita riqueza leva-lo a uma gama de interpretações sobre um passado, muitas vezes tão distante de sua realidade. Dessa forma a riqueza histórica virá à tona quando o texto for estudado sob uma ótica analítica, aquela responsável por transformar a escrita literária em documento.

Antes do mais, as aulas de história fazem sentido quando o estudante vier a perceber a importância de estudar um passado transformável, aquele cujo sentido e significância podem ser construídos a partir do tempo presente. Nesse sentido é relevante e extremamente importante a percepção de que o texto ao ser histórico passa a ser objeto da História, na medida em que este venha representar a visão de um individuo sobre o passado. (KARNAL, 2012).

Aproximar a literatura das aulas de história pode ser tarefa que carrega em sua ação uma serie de empecilhos, a questão da situação e realidade situação do profissional docente já

fora citado. Outro segmento que desenha a separação das duas áreas do conhecimento humano pode ser verificado quando do próprio ensino de história ainda se pautar em práticas condizentes com o que, convencionalmente denomina-se ensino tradicional. Nesse sentido, o problema maior é o isolamento da disciplina de história em seu campo tradicional de atuação, deixando, espaços reduzidos para diálogos com outras disciplinas.

O diálogo entre História e Literatura, pode ser pensado de modo a cultivar abordagens interdisciplinares benéficas no sentido de enriquecer as interpretações históricas, sem que haja prejuízos ao ensino da literatura. A ideia é que o texto possa ser usado como instrumento fortalecedor para interesses historiográficos que possam ser discutidos em sala.

As incursões tímidas e esporádicas que alguns professores de história fazem sobre os textos literários (MORAES, 2009) remetem diretamente a usualidade destes no cotidiano escolar, mais especificamente na disciplina de história. Sobre esse aspecto os estudos indicam que a separação entre as duas áreas se configuram por meio do conflito entre fato e ficção, quando que a segunda supostamente interferiria em interpretações “plausíveis”. Refletindo sobre essa questão a professora Celeste Andrade indica que:

“É necessário sair da clássica dicotomia de que o historiador lida com a realidade e o escritor com a ficção. Assim como o historiador, o escritor também é um homem do seu tempo, portanto, também está sujeito as limitações da sua época e da sua cultura. É comum os escritores buscarem, no acontecimento histórico uma forma de representar uma dada realidade, retratar uma época e uma sociedade.” (ANDRADE, 1996, p.10)

A ampliação do entendimento sobre essa discussão pode ser feita através dos estudos sobre o texto contemplados na obra *A estética da criação verbal* de Bakhtin ao indicar que a obra artística, o texto, está inserida nas necessidades do autor, este por sua vez precisa das influências do mundo e do seu tempo para se expressar. Refletindo sobre a arte textual o autor cita:

“A escrita (a relação do autor com a língua e a utilização da língua que ela implica) é o reflexo impresso no dado do material por seu estilo artístico (sua relação com a vida e com o mundo da vida e, condicionado por essa relação, sua elaboração do homem e do seu mundo) o estilo artístico não trabalha com as palavras, mas com os componentes do mundo, com os valores do mundo e da vida; podemos defini-lo como o conjunto dos procedimentos de formação e de acabamento do homem e do seu mundo, e esse estilo determina também a relação com o material, com a palavra, cuja natureza deve, naturalmente, ser conhecida para se compreender essa própria relação.” (BAKHTIM, 1997, p. 208-209)

Como reforço à necessidade de quebrar com a dicotomia entre história e literatura, pode-se pensar essa questão a partir dos estudos de Walter Benjamin (1985) em seu discurso acerca da historiografia. Dessa forma as reflexões sobre o passado devem ser feitas de tal

modo que as articulações e investidas sobre o passado não busque conhecê-lo, “como ele de fato foi” (BEIJAMIN, 1985).

As mudanças propostas ao ensino de história podem ser interpretadas como sendo um conjunto de medidas que auxiliam não apenas a um ensino condizente com as mudanças historiográficas, mas também como facilitador ao trabalho docente. Os estudos constituídos a partir de análises teóricas acerca da relação entre história e literatura permitiu identificar que o texto literário representa uma fonte com para múltiplas representações do passado. Há o indicativo de que é necessário, no entanto, tentar pontuar as aproximações e distanciamentos entre o campo literário e o historiográfico. Segundo Moraes (2009) esse posicionamento frente ao texto permitiu o surgimento de um campo fértil que possibilita a identificação de potencialidades e especificidades em ambas às áreas do conhecimento, bem como suas contribuições para produção de conhecimento do mundo social.

O movimento romântico e o nacionalismo em questão

Sobre uma perspectiva para análise do modo como o uso da literatura pode acontecer na prática, durante as aulas de história, convencionou-se o estudo casual de uma escola artística literária de modo que foi possível chegar a reflexões, que afirmam a capacidade da literatura dialogar e enriquecer os estudos históricos.

Uma análise sobre o movimento literário, denominado romantismo, deixou em evidência que os textos desta escola artística permitem uma rica aproximação sobre o contexto histórico-social de meados do século XIX. A periodização didática sobre a escola romântica no Brasil indica que o movimento teve início a partir de 1808, com a chegada da família real, mas que criou raízes no período “pós-independência”. Após o ano de 1822, dentro do contexto da efervescência e agitação política o romantismo adquiriria caráter nacionalista (TERRA; DE NICOLA, 2004).

Por meio do estudo sobre o romantismo chegamos a um Brasil do século XIX, e com ele um momento onde, entre outras coisas estava sendo forjada uma nação e junto com ela a necessidade de uma identidade, de um nacionalismo único. Nesse contexto autores e literatos estiveram engajados em fazer uma arte literária genuinamente nacional. Assim sendo, “parecia necessário romper com a tradição europeia e encontrar discursos coesos e coerentes com a brasilidade” (SCHWARCZ, 2003, p. 9).

O romantismo estampa com muita clareza as ideologias que estavam sendo construída a partir do pensamento elitista, essa mesma elite tomava para si a responsabilidade de construir os rumos da sociedade brasileira (CARVALHO, 1980). Assim, o romantismo,

apensar de seu “espírito inovador e original”, ainda tinha em suas linhas resquícios da cultura europeia, isso pode ser verificado nas poesias indianistas de Gonçalves Dias, que mesmo cantando o indígena selvagem ainda o revestia em trajes de guerreiro europeu.

A riqueza presente na literatura do romantismo brasileiro não se limita apenas aos símbolos nacionais, como é o caso da valorização do personagem indígena, mas também devido às abordagens sociais. Os conflitos e embates que marcaram a sociedade nos primeiros anos, ou mesmo durante boa parte do século XIX, estão confidenciados em literatos que representaram seu tempo e defenderam suas crenças e seus sentimentos. Sobre esse aspecto uma análise biográfica sobre os autores permite ao estudante uma aproximação do perfil dos escritores e em consequências, sobre orientação docente interpretar a realidade social e a relação que uma determinada classe, a de escritores, se comportou diante de tal realidade. Discorrendo sobre a poesia romântico-nacionalista Márcia Guidin cita:

“Os poetas românticos, mais que os romancistas, consideravam-se portadores de uma missão de beleza, de liberdade e de justiça naquele mundo moderno, que eles julgavam ver melhor que os outros mortais, pois se sentiam quase divindades [...] era preciso, além da missão universal do poeta, que se criasse na literatura, a cor local brasileira, a verdadeira identidade de nossa nação, para confirmar as bases do orgulho nacional.” (GUIDIN, 2006, p. 12)

Seguindo a linha de pensamento sobre o período romântico, ainda com a poesia em questão, percebe-se que esta escola agrega questões associadas a problemas estruturantes da sociedade brasileira em seus primeiros tempos como “nação”. As críticas feitas ao sistema escravista, que continuou após a independência, foi algo presente na chamada “terceira fase romântica” ou mesmo “aboliconista”. Trazer esse tipo de discussão para as aulas de história pode representar um ganho significativo no sentido de ampliar o universo cognitivo para aprendizagem do estudante.

Tal qual aconteceu com algumas nações europeias, aqui a História também serviu ao ideário de construção da nação brasileira (BITTENCOURT, 2012) (PINSKY, 2012). O passado, aquele das descobertas e catequeses, deveria ser lembrado de modo heroico, ao tempo que épico esse sentimento esteve presente em obras como *Espumas Flutuantes* de Castro Alves. De certo modo o pensamento nacionalista, antes do mais, era uma ideologia que se configurou em seu tempo, aqui no Brasil o processo de independência só retardou a chegada do sentimento nacionalista cultivado no bojo do nascimento do nacionalismo europeu no século XVIII.

Considerações finais

Diante do que foi exposto e refletindo sobre a proposta do trabalho em versar sobre as contribuições da literatura nas aulas de história, é possível fazer algumas ponderações pensando a realidade do ensino desta disciplina e as emergências de novas metodologias de trabalho docente que atentam ao ensino e aprendizagem. Partir de uma perspectiva que centraliza práticas para o ensino e aprendizado nas aulas de história aparece como ponto importante no sentido que tais ações remetam as atuações de sujeitos formadores de relações muitas vezes centrais ao espaço escolar.

Com as novas propostas de trabalho para o ensino de história, o uso literatura tem se configurado como uma ferramenta de trabalho que oferece ao professor de história uma gama de possibilidades para uso em sala de aula. Uma delas, a de transformar o texto literário em documento, deixa em clarividência que o modo como este objeto é manipulado pode representar um ganho até mesmo ao conhecimento historiográfico e as interpretações que são feitas sobre o passado, em sala de aula.

Notadamente, a realidade da profissão docente ainda constitui uma problemática que influencia diretamente no desenvolvimento das aulas de história. Sob esse aspecto e pensando ser um fator preponderante ao cotidiano em sala de aula, vale resaltar que o usufruto da literatura no campo do ensino de história deverá ter associação direta com as ideologias cultivadas pelo professor.

No sentido de discutir sociedades passadas, por meio de uma história mais social e cultural, com novos objetos e novas abordagens, a arte literária enquanto construção histórica pode a partir do momento que é vista como tal, permitir ao campo da História e da Literatura uma relação muito rica. No sentido de aproximar o alunado de períodos distantes em muitas vezes sem sentido, as obras literárias representa grupo importantíssimo para o entendimento das relações humanas ocorridas no passado, suas particularidades, especificidades e seus sentimentos.

Referências

ANDRADE, C. M. P. *A literatura no ensino de história da Bahia: a obra de Jorge Amado*. Revista Sitientibus. Feira de Santana. n. 14, p. 9-21, 1996

BAKHTIN, Mikhail. *O contexto de valores (autor e contexto literário)*. In: *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2' cd. — São Paulo, Martins Fontes — (Coleção Ensino Superior) p. 208-215. 1997

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito da história*. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense. Vol. 1, p.224, 1985.

BITTENCOURT, C. M. F. Identidade nacional e ensino de história do Brasil In: História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. KARNAL, Leandro (org.). Contexto. p. 185-203. 2012

CARVALHO, José Murilo de. A construção da ordem: a elite política imperial. Rio de Janeiro. Editora Campus. 1980.

CASTRO ALVES, Antonio de. Espumas Flutuantes. Coleção Obra Prima de Cada Autor. São Paulo SP. Ed. Martin Claret. 190p. 2009

GUIDIN, Márcia Lígia. Poesia lírica e indianista de Gonçalves Dias. 1. ed. São Paulo: Ática, 2003. 232 p

MORAES, Dislane Zerbinatt. *Literatura e história na escola: aprendizagens e desafios mútuos*. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

PINSKY, Jaime. *Nação e Ensino de História no Brasil*. In: O ensino de história e a criação do fato. PINSKY, Jaime (autor e organizador). São Paulo: Contexto, 14 ed, 2012

RUIZ, Rafael. *Novas formas de abordar o ensino de história*. In: História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. KARNAL, Leandro (org.). Contexto. p. 75-91. 2012.

_____. *Introdução*. In: História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. KARNAL, Leandro (org.). Contexto. p. 7-13. 2012.

TERRA, Ermani; DE NICOLA, José. *O romantismo: a poesia em Portugal e no Brasil*. In: Português: de olho no mundo do trabalho. Ed. Scipione, Volume Único, p.390, 2004

SCHMIDT, M. A. *A formação do professor de história e o cotidiano em sala de aula*. In: O saber histórico na sala de aula. São Paulo. BITTENCOURT, Circe (org.). Contexto. p. 54-65. 2012.

SCHWARCZ, Lilia K. M. A natureza como paisagem: imagem e representação no Segundo Reinado. Revista USP, São Paulo, nº 58, p. 6-29, junho/agosto 2003.